

# PROMETEUS - FILOSOFIA

MESTRADO EM FILOSOFIA/ UFS - CATEDRA UNESCO/ ARCHAÍ

JANEIRO - JUNHO DE 2015 - VOLUME 8 - ANO 8 - Nº 17

ISSN: 2176 - 5960

## COMENTÁRIO DE BOÉCIO AO §9 DO *DA INTERPRETAÇÃO* DE ARISTÓTELES

Tradução e Notas:

William de Siqueira Piauí e Juliana Cecci Silva<sup>1</sup>

### SOBRE OS FUTUROS CONTINGENTES

(I) *Quanto às [coisas] que são e que foram feitas é necessário que ou a negação ou a afirmação seja ou verdadeira ou falsa. Quanto às [proposições] universais, ditas universalmente, sempre que uma for verdadeira, de fato a outra será falsa, e o mesmo deve ser dito sobre as [proposições] singulares. Quanto às [proposições] universais que não são ditas universalmente, [isso] não é necessário; todavia, [já] falamos sobre isso.*<sup>2</sup>

Quanto às enunciações contraditórias proferidas a respeito de coisas presentes e passadas, [Aristóteles] diz que *uma é sempre definitivamente (definite)*<sup>3</sup> verdadeira e a outra sempre definitivamente falsa. Se alguém disser, por exemplo: “por uma conspiração privada

---

<sup>1</sup>Juliana Cecci Silva é mestra em tradução pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução na Universidade de Brasília (Postrad – UnB), bacharel em Letras-Francês pela Universidade de São Paulo (FFLCH – USP); e-mail: julianacecci@yahoo.com.br. William de Siqueira Piauí é doutor em Filosofia pela Universidade de São Paulo (FFLCH – USP) e, atualmente, é professor no Departamento de Filosofia e Letras da Universidade Federal de Sergipe (DFL – UFS), e-mail: [piaiusp@gmail.com](mailto:piaiusp@gmail.com). Para a presente tradução utilizamos *Opera omnia (Patrologia Latina)* tomos 64 (*Comentário Menor*, pp. 329B-342A). Paris: J. –P. Migne, 1891. Como introdução à tradução, recomendamos a leitura de nosso artigo “Boécio e o problema dos futuros contingentes”, IN: *Princípios – revista de filosofia*, v. 15, n. 23, 2008.

<sup>2</sup> Com o texto em itálico procuramos marcar a tradução feita por Boécio do *Da interpretação*; aqui referente a 17b 16 (*Comentário menor*, 329B); As divisões do texto estão marcadas com algarismos romanos e vão até a XIII, nas notas elas serão denominadas subpartes, já que a presente tradução se refere a uma parte do *Comentário menor*.

<sup>3</sup> Claro que Aristóteles não utiliza o termo *definite* ou o *indefinite*, trata-se do modo como Boécio retoma a argumentação dos parágrafos anteriores ao 9, obviamente, nesses casos não indicaremos à qual subparte se refere cada afirmação. Cf. também XIII subparte.

todos os fabianos pereceram ao avançar em combate contra os veianos”. E se isto for negado da seguinte maneira: “por uma conspiração [privada] nem todos os fabianos pereceram ao avançar em combate contra os veianos”.

Então, seguramente é necessário que uma [dessas proposições] seja verdadeira e a outra falsa; e se a afirmação for definidamente verdadeira, a negação [tem de ser] definidamente falsa. Quando algo que foi feito é dito feito, [então isso] é definidamente verdadeiro; e, quanto ao mesmo, se for negado o que foi feito, então é definidamente falso. Portanto, seja nas [proposições] universais predicadas universalmente, seja nas [proposições] singulares, tal como aquelas que tomam Sócrates ou qualquer outro indivíduo [como exemplo], a contradição deve ser feita por oposição das [proposições] particulares;<sup>4</sup> o mesmo se dá também com as [proposições] que dizem [respeito a coisas] passadas, sempre uma é verdadeira e a outra falsa; tal como nas seguintes: “Sócrates foi morto pelo veneno” e “Sócrates não foi morto pelo veneno”. [Neste caso] a afirmação é verdadeira definidamente e, inversamente, a negação é falsa.

É necessário admitir o mesmo também para as proposições presentes. De fato, se alguém disser “Sócrates disputa” e outro negar, então, como foi estabelecido pela razão que Sócrates disputa no tempo presente, do mesmo modo que a afirmação retém definidamente a verdade, também a negação [retém] a mentira. Sem dúvida, o mesmo ocorre também com as [proposições] universais, quer elas sejam afirmativas quer negativas também às quais se opõe uma afirmação particular ou uma negação particular. É o que [Aristóteles] afirma: *Quanto às [coisas] que são e que foram feitas (I)*, ou seja, quanto às presentes e às passadas, uma [das proposições] sempre é definidamente a verdadeira e a outra sempre é definidamente a falsa; se uma for universal, a outra [deverá ser] particular. Isso é mostrado quando [Aristóteles] afirma: *quanto às [proposições] universais, ditas universalmente, sempre que uma for verdadeira, de fato a outra será falsa*, sejam as [proposições] singulares, sejam as que [enunciam] predicamentos individuais. É por esse motivo que acrescenta: *Quanto às que são singulares, uma é verdadeira e a outra é falsa*.

Depois, quando trata das contraditórias, diz ainda: *contudo, nas que são indefinidas, não é necessário que sempre que uma for a verdadeira, a outra seja mentira*. É isso que claramente designa o que [ele] afirma: *nas [proposições] universais que não forem ditas universalmente, não é necessário que uma seja tomada como verdadeira e a outra como*

---

<sup>4</sup> Cf. *Comentário Menor*, p. 321.

*falsa*, pois pode acontecer que uma das [proposições] que for verdadeira o tenha sido indefinidamente.

(II) *Contudo, nas singulares e nas futuras, não se dá de maneira similar.*<sup>5</sup>

Dentre as proposições, algumas são de tal espécie que significam inerência (*inesse*), como se alguém tivesse dito quando Sócrates estava vivo: “Sócrates é careca”; e outro negasse [dizendo]: “Sócrates não é careca”. De fato, a calvície podia ser inerente a Sócrates e podia ser disjunta a Sócrates. Outras [proposições], contudo, são necessárias, como quando alguém diz, por exemplo: “é necessário o Sol voltar novamente a Áries todos os anos”.<sup>6</sup>

Assim, o que diz a coisa [como] necessária e que vem a ser por necessidade, torna totalmente necessária a proposição. Outras [proposições], todavia, são contingentes; aquelas que não forem podem, entretanto, vir a ser no futuro; como se alguém dissesse: “hoje Alexandre vai almoçar” e “hoje Alexandre não vai almoçar”.

Quando essas [duas proposições] são pronunciadas, e já que para [Alexandre] ainda não existe o almoçar, mas, como pode de fato acontecer que hoje ele almoce, por esse motivo dizemos que elas são contingentes, e aconteceu de se fazer porque no momento ainda não tinha sido feito; mas, como foi dito, elas ainda não ocorreram. De fato [elas] dizem respeito ao tempo futuro. Pois as [coisas] que ainda não são, que ainda podem ser, não são necessárias, porque guardam a natureza (*retinent naturam*) de que seja possível tanto o ser quanto o não-ser. Com efeito, pode-se fazer tanto que hoje Alexandre almoce como, inversamente, que ele hoje não almoce.

A essa possibilidade de vir a ser ou não vir a ser denominamos eventual. De fato, nas coisas deste tipo ocorre eventualmente a afirmação ou a negação e não é necessário que se realize a afirmação ou a negação.

Com efeito, quando a afirmação não for necessária, não há impedimento para que ocorra a negação; algumas vezes se dá o inverso, ou seja, quando a negação não é necessária ocorre a afirmação. É a essa espécie de potência de vir a ser e não vir ser (*eveniendi et non*

<sup>5</sup> Aristóteles, *Da interpretação*, 18a 34.

<sup>6</sup> Para Aristóteles “o Sol, os astros e o céu existem sempre em ato e não há por que temer que deixem de se mover jamais” (*Metafísica*, 1051a 26). Por isso, a proposição que enuncia tal evento será necessariamente verdadeira, ou seja, definitivamente verdadeira. Isso significa que se percebemos que o Sol passa na constelação de Áries, esse é um evento que sempre aconteceu e que sempre acontecerá. Cf. *Comentário Maior*, p. 574 e *Consolação da Filosofia*, livro V, p. 322 (quanto a esta, faremos referência à paginação da edição bilingue de Luis Judicis de Mirandol. Paris: Edições Maisnie, 1981). Vale lembrar que as referências ao *Comentário Maior* também se referem ao mesmo volume da *Patrologia Latina*.

*eveniendi potentia*) que chamamos de eventual (*utrumlibet*). Do que se segue que nas eventuais, isto é, nas afirmações ou negações [eventuais], é permitido que elas venham a ser.

Agora, então, Aristóteles lança-se a construir essa argumentação validíssima, pois assim como nas [proposições] passadas e também nas presentes é necessário que uma seja verdadeira e outra falsa – mas não somente enquanto afirmação e negação –, se uma é verdadeira definidamente a outra assume a falsidade definidamente. Não é assim, todavia, com as [afirmações e negações] que são chamadas contingentes (*contingentes*). De fato, é necessário que ou a afirmação ou a negação seja verdadeira, mas não definidamente, como se porque uma delas é verdadeira a outra é falsa definidamente.

Com efeito, quando dizemos “Alexandre banhou-se” se a isso um outro negar, dizendo, “Alexandre não se banhou”<sup>7</sup>. Certamente é necessário que se dê esse todo, ou seja, que ele se banhe ou não, e é necessário que uma [proposição] seja a verdadeira e a outra a falsa; ou a afirmação, se tiver se banhado, ou a negação, se não tiver se banhado.

Mas não é necessário que a afirmação seja a verdade definidamente [e é] por isso que poderia vir a ser a negação destas coisas. Todavia, jamais esteve definido que porque a negação é verdadeira, [é] falsa a afirmação; é por essa razão que pode não vir a ser a negação. Porque em toda contradição, se uma [proposição] for a verdadeira, certamente é necessário que a outra seja a falsa. De maneira que uma [daquelas] ser a verdadeira [e] a outra a falsa definidamente, tal como nas que são passadas ou presentes, não é possível por nenhuma razão das coisas.

Mas, primeiramente Aristóteles prova isso quanto às proposições de predicamentos singulares, somente depois ensina que se deve compreender o mesmo quanto às [proposições] universais.

Por esse motivo, [Aristóteles] afirma que *Contudo, nas singulares e nas futuras, não se dá de maneira similar* (II). Quer dizer, nas proposições singulares, das quais ele trata primeiro, e nas futuras, a saber, nas contingentes, no que diz respeito às verdades e falsidades das proposições; não é do mesmo modo que nas [proposições] passadas e presentes. Porque nas passadas ou presentes todo o *corpus* da contradição está dividido em verdade e falsidade e [só] uma é verdadeira definidamente. De tal maneira que, por isso, se alguém soubesse dizer se a afirmação é verdadeira ou, inversamente, a negação [é verdadeira], ainda que ninguém o tenha dito, o raciocínio é certo desde o tempo passado ou [desde] o presente segundo sua natureza, e também certo foi o evento (*certusque eventus*). Com efeito, nas [proposições] que

---

<sup>7</sup> Trata-se de um evento que não vem a ser necessariamente, por isso, a proposição que o enuncia não pode ser ou não ser definidamente verdadeira ou falsa.

são contingentes e futuras isso é variável e instável (*variabile et instabile*); é certo que no todo do *corpus* da contradição se encontra repartida tanto a verdade quanto a falsidade, mas esta verdade, assim como esta falsidade, é inseparável (*indiscreta*) e flexível (*volubilis*).<sup>8</sup>

De fato, ninguém pode dizer que a afirmação é verdadeira, uma vez que é possível que se realize a negação; nem, inversamente, [pode dizer] que é a negação, já que não é impossível que ocorra a afirmação; ocorrendo, por fim, ambas eventualmente. Por isso, naturalmente não pode [ser] que uma delas seja verdadeira e certa definidamente. E para levar até o fim aquela argumentação, ficará manifesto do modo seguinte:

(III) *Pois se toda afirmação ou negação é ou verdadeira ou falsa, que tudo seja ou não seja é necessário. Por isso, se alguém disser [que] algo futuro [ocorrerá] e se, quanto ao mesmo, um outro disser que não [ocorrerá], é manifesto, pois, se toda afirmação é verdadeira ou falsa, que é necessário que um deles esteja dizendo o verdadeiro. Pois, de fato, em tais casos [elas] não serão simultaneamente.*<sup>9</sup>

Se tudo o que é proposto nas afirmações e negações é definidamente o verdadeiro ou o falso, segue-se que seja necessário ou vir a ser ou não vir a ser o que aquelas negações e afirmações significam; de fato, é isso o que diz [Aristóteles]: *Pois, se toda afirmação ou negação é definidamente verdadeira ou falsa* (III); é por isso que [ele] adiciona o “tudo”.

E [Aristóteles] procura provar que, realmente, nas [proposições] que são futuras ou contingentes, a afirmação e a negação não são verdadeiras ou falsas definidamente. Pois se alguém disser [que] algo futuro [ocorrerá] e um outro o negar, não pode acontecer que ambas venham a ser. De fato, se alguém dissesse “Sócrates jantou” e um outro negasse [dizendo] “Sócrates não jantou”, quem afirmaria sobre esse um e o mesmo que ambas haveriam de ser verdadeiras?<sup>10</sup>

Por conseguinte, não pode ser assim, pois um deles havendo de dizer o verdadeiro, o outro é o mentiroso: de fato, supondo que uma delas seja definidamente a verdadeira ou a falsa, dado que toda afirmação e negação é verdadeira ou falsa definidamente, nas contradições o que nega e o que afirma não podem ambos ser verdadeiros. É necessário que um diga o verdadeiro e o outro o falso, e um definidamente o verdadeiro e o outro definidamente o falso.

<sup>8</sup> No sentido de indeterminado (gr.: *auristos*). Cf. também VI<sup>a</sup> subparte e Aristóteles, *Física*, 197a 8.

<sup>9</sup> Aristóteles, *Da interpretação*, 18a 35.

<sup>10</sup> Tal afirmação infringirá o princípio de contradição; cf. Aristóteles, *Metafísica*, Livro XI, Caps. V e VI, especialmente 1063b 15.

Se é assim em todas as afirmações e negações, isto é, que uma seja definidamente a falsa e a outra definidamente a verdadeira, então é necessário vir a ser o evento que a verdade afirma e é necessário não vir a ser o evento negado. E é isso de fato o que afirma [Aristóteles]: *é manifesto, pois, [...] que é necessário que um deles esteja dizendo o verdadeiro* (III). Não pode acontecer que a afirmação e a negação concordem em tais casos, isto é, quando as proposições [são] contraditórias. E é necessário vir a ser tudo aquilo que a afirmação definidamente verdadeira enuncia e não vir a ser aquilo que a negação definidamente verdadeira declara. O que [ele] prova do seguinte modo:

(IV) *Pois se é verdadeiro dizer, porque é branco ou não branco, que é necessário que seja branco ou que não seja branco; e se é branco ou não é branco, é verdadeiro afirmar ou negar; e se não é [branco ou não branco] é mentira; e se é mentira não é. Por isso, é necessário que ou a afirmação ou a negação seja verdadeira ou falsa.*<sup>11</sup>

Quanto ao que pode ser julgado sobre o futuro [Aristóteles] extrai o exemplo a partir das presentes. Ele afirma que é essa a consequência das coisas: assim como a verdade da proposição segue a coisa subsistente – da coisa de que fala a proposição –, assim também a essência é acompanhada [pela coisa subsistente].<sup>12</sup> Com efeito, se esta pedra ou qualquer outra é branca, é verdadeiro dizer dela que é branca. E por isso [uma] converte-se [na outra]. Se é verdadeiro dizer dela que é branca, sem dúvida é branca e é necessário que seja branca, e assim como a coisa fez a verdade, da mesma forma a verdade reproduz a coisa à qual se propõe.

Inversamente, se esta pedra não é branca, foi verdadeiro dizer dela que não é branca, e se dela foi verdadeiro dizer que não é branca; também não pode se fazer que ela seja branca, quando é dito verdadeiramente que não é branca. Também vale o mesmo para as mentiras; com efeito, se algo não é, quando alguém propõe que esse algo seja, ele mente.

E se alguém mente sobre algo, aquilo sobre o que mente não é, assim como se dissesse que uma [determinada] coisa é branca quando ela não é branca, mentiu que é branca; por conseguinte, é necessário igualmente não ser aquilo sobre o qual mentiu. Portanto, assim como a verdade certamente [segue] da coisa que é, também a coisa que é [se converte] em

<sup>11</sup> Aristóteles, *Da interpretação*, 18b 2.

<sup>12</sup> Para um melhor esclarecimento da relação entre os conceitos de essência, proposição e coisa, cf. o excelente estudo de Savian Filho dos *Escritos (Opuscula Sacra)* de Boécio, p. 77-84; cf. também Aristóteles, *Metafísica*, Livro IX, Cap. X, onde são consideradas as relações entre verdade, erro, fato e essência e também o Cap. VII do Livro V; além disso, *Categorias* 14b 10.

verdade; de fato, a falsidade [segue] da coisa que não é e a coisa que não é se converte em falsidade. Se for assim em todas as coisas – [ou seja, que] tudo aquilo que é dito com verdade ou falsidade converte-se na coisa que é ou não é –, se for a negação ou a afirmação, então, também é necessário que sempre uma seja a verdadeira e a outra a falsa. Se uma [delas] é verdadeira, definidamente, ocorrerá algo impossível por esta posição.

Com efeito, haverá de ser então que todas as coisas, sejam quais forem, são ou se fazem por necessidade (*ex necessitate*) e nenhuma delas [pode ser] por acaso (*a casu*); e também [não haverá] nada que seja possível (*esse possibile*) ser e possível não de ser.

Além disso, dessa maneira nada restaria para ser ponderado com livre arbítrio (*liberi arbitrii*), mas tudo seria por necessidade, isto é, tudo que viesse a ser.<sup>13</sup>

Se é verdadeiro dizer definidamente de qualquer coisa que será aquela coisa, sem dúvida é necessário que venha a ser, bem como não pode acontecer de não vir a se fazer. De fato, é verdadeiro dizer dela que vai ser, mas não é verdadeiro dizer dela que, porque vai ser, poderia ter sido dito, exceto se essa [frase que foi dita] tivesse sido necessária. Por isso, se, toda afirmação e negação, mesmo a afirmação ou negação no futuro, for definidamente verdadeira ou falsa, é necessário acontecer ou o que [é dito] pela afirmação verdadeira definidamente, ou aquilo que pela negação é dito falso. Quanto à falsidade a causa é semelhante. Pois aquilo de que é falso dizer que será, por necessidade não será. Bem como daquilo que será é falso dizer que não será; e do que é falso dizer que não será, necessariamente será.

Portanto, assim como segue-se o tornar-se do evento necessário, porque é dito pelas proposições verdadeiras, assim também o não tornar-se do evento necessário, porque é dito pela proposição falsa, [segue] as proposições falsas. Se todas as afirmações ou negações no futuro sempre dividem definidamente a verdade e a falsidade, o evento das coisas que são preditas será necessário; e todas [as coisas] virão a ocorrer ou não virão a ocorrer por necessidade. E assim como perece o livre arbítrio (*liberum arbitrium*), também [perecem] o acaso (*casus*) e a possibilidade (*possibilitas*).

Ou [então] o silogismo é do seguinte modo: se toda afirmação é verdadeira ou falsa definidamente – e da mesma maneira também em relação à negação –, como todas [as coisas] vêm a ocorrer pela razão inevitável da necessidade, então, se assim for, perece o livre arbítrio.

<sup>13</sup> Cf. Aristóteles, *Ética a Nicômaco*, 156b 10.

Mas isso é impossível; portanto, não é verdadeiro que toda afirmação ou negação seja definitivamente verdadeira ou falsa.<sup>14</sup>

Que todas [as coisas] venham a ocorrer por necessidade, se [assumimos] que as [proposições] são verdadeiras ou falsas definitivamente, é mostrado pelo seguinte silogismo: Toda verdade ou falsidade definida [que diz respeito] ao futuro constitui por necessidade o evento futuro ou não futuro da coisa, mas todas as proposições futuras são verdadeiras ou falsas definitivamente. Portanto, para todas [as coisas] a necessidade será de haver de ser ou não haver de ser. Diante dessa conclusão Aristóteles propôs o seguinte:

(V) *Portanto, nada é ou se faz, nem será nem não será, seja por acaso seja eventualmente, mas todas as coisas vêm a ser por necessidade e não de maneira eventual; de fato, ou quem afirma é o verdadeiro ou quem nega.*<sup>15</sup>

Com efeito, extingue-se tanto o acaso (*casus*) como o que é eventual (*utrumlibet*); além disso, se todas as coisas que serão feitas, quaisquer que forem, vierem a ser por necessidade, então é suprimida a vontade livre (*libera voluntas*). [Aristóteles] prova desse modo a conclusão acima [indicada], a qual diz que tudo ocorre por necessidade. Por isso ele afirma: *ou quem afirma é o verdadeiro ou quem nega* (V). Portanto, se a verdade das coisas se converte em necessidade, verdadeiro é ou quem nega ou quem afirma que todas as coisas se fazem por necessidade. Com efeito, se elas não serão por necessidade, não serão verdadeiras definitivamente. Por isso, o próprio [Aristóteles] acrescentou posteriormente [que]:

(VI) *De fato, seria semelhante se ou fosse feito ou não fosse feito, e eventualmente tanto faz se acontece ou acontecerá e que [seja] desse modo ou [que] não [seja] desse modo.*<sup>16</sup>

[Aristóteles] expõe qual é a natureza do contingente (*contingentis natura*) ao apresentar o que é o eventual: eventual é aquilo cujo evento é indiscreto (*indiscretus eventus*),<sup>17</sup> ou seja, o que igualmente ocorre de ser ou não ser. É por isso que [Aristóteles] afirma que *seria semelhante se fosse feito ou não fosse feito* (VI).

<sup>14</sup> Cf. *Comentário Maior*, p. 507.

<sup>15</sup> Aristóteles, *Da interpretação*, 18b 5.

<sup>16</sup> Aristóteles, *Da interpretação*, 18b 7.

<sup>17</sup> Novamente no sentido de indeterminado (*auristos* em grego). Cf. também IIª subparte e Aristóteles, *Física*, 197a 8.

De fato, nem a afirmação nem a negação tomam a via necessária, a qual é direta e única; mas o que guarda igual curso<sup>18</sup> tanto para o vir a ser como para o não vir a ser – se tanto faz se acontece ou não acontece – é eventual; tanto faz se acontece desse modo ou não acontece desse modo, isto é, se igualmente acontece de ser ou não ser. De fato, [não importa] em nada se acontece de se fazer ou se [acontece de] não se fazer.

(VII) *Além do mais, se é branco agora, era verdadeiro dizer antes que seria branco, motivo pelo qual sempre foi verdadeiro dizer que é ou será, não importando que [coisas] tenham sido feitas.*<sup>19</sup>

Ele [Aristóteles] se opõe à força da argumentação válida, a qual poderia mostrar que as afirmações verdadeiras e falsas são as verdadeiras ou falsas definidamente, e precavendo-se afirma que não é necessário supor que isso que já está feito possa ser dito verdadeiramente – antes que viesse a ser – que haveria de ser. Como no seguinte caso: se Sócrates jantou ontem a noite, verdadeiro foi dizer ontem de manhã que ele haveria de jantar; e, por conseguinte, se isso fosse predito também seria verdadeiro definidamente. Portanto, todas as coisas que vem a ser poderiam definidamente ser verdadeiramente preditas. De fato, é isso o que ele diz, *se é branco agora, era verdadeiro dizer antes que seria branco* (VII).

Donde, com efeito, se a coisa agora é branca, que seria branca [já] era verdadeiro antes, graças ao que – *não importando que [coisas] tenham sido feitas* (VII) – do mesmo modo definidamente poderia ter sido predito conforme a verdade. Isto, de fato, o próprio êxito (*exitus*)<sup>20</sup> da coisa confirmou. Para esta oposição novamente apresentam-se as mesmas [coisas]. Com efeito, quem diz estas coisas para escapar à armadilha da argumentação acima, ainda uma vez é cercado por ela e pelos mesmos incômodos [é] novamente perseguido.

(VIII) *Porque se sempre foi verdadeiro dizer que é ou será, isso não pode não ser ou não haver de ser. Além disso, porque não pode não acontecer, impossível é não acontecer; e porque impossível é não acontecer, necessário é acontecer. Todas as coisas, portanto, que devem ser, necessário é que aconteçam. Nada, então, será de maneira eventual nem por acaso; pois se [é] por acaso, não [é] por necessidade.*<sup>21</sup>

<sup>18</sup> Mantivemos a ideia de “curso”, pois se trata de uma palavra que também aparece na **Consolação da Filosofia**, Livro V, verso II, p. 280.

<sup>19</sup> Aristóteles, *Da interpretação*, 18b 10. 97

<sup>20</sup> No sentido de efetivação. Cf. *Consolação da Filosofia*, p. 300, 312 e 314.

<sup>21</sup> Aristóteles, *Da interpretação*, 18b 13.

Com admirável raciocínio do que diz a argumentação acima, o próprio [Aristóteles] reapresentou o incômodo que afirma: Se é verdadeiro que todas as coisas – quaisquer que tenham sido feitas – poderiam definitivamente ser preditas, então a necessidade da coisa segue a verdade da proposição, e o que era predito definitivamente conforme a verdade não podia não vir a ser, mas se não podia não vir a ser, era impossível não vir a ser. Contudo, o que é impossível não vir a ser, necessariamente vem a ser. Por conseguinte, [a ocorrência] de tal evento se dá por necessidade. *Nada, portanto, será de maneira eventual nem por acaso* (VIII). De fato, se poderá ser por acaso, o haver de ser não é por necessidade; pois se o haver de ser não é por necessidade, não é impossível não acontecer, pode não acontecer; e se pode não acontecer, não pode definitivamente ser predito conforme a verdade. Portanto, o fato de ser predito definitivamente conforme a verdade, por necessidade haverá de ser; no entanto, o que é por acaso não vem a ser por necessidade.

(IX) *Naturalmente também não se diz que nenhum seja verdadeiro, assim como que não será nem não será; pois, primeiramente, quando for falsa a afirmação não será verdadeira a negação e, quando essa for falsa, resulta de a afirmação não ser verdadeira.*<sup>22</sup>

Consta de quatro a diversidade dos futuros contingentes (*contingentium futurorum*).<sup>23</sup> Ou aquilo que é afirmado e é negado no futuro um ou outro será verdadeiro ou um ou outro será falso, ou um verdadeiro e o outro falso definitivamente, ou um verdadeiro e outro falso indefinidamente. Nessas proposições que tratam de coisas contingentes no futuro, naturalmente [não pode] ser verdadeira a afirmação e também a negação, o que demonstrou acima quando disse: *é manifesto, pois, se toda afirmação é verdadeira ou falsa, que é necessário que um deles esteja dizendo o verdadeiro. Pois, de fato, em tais casos [elas] não serão simultaneamente* (III). De fato, não pode acontecer como na oposição das proposições contraditória que também uma e outra tenham a força de vir a ser verdadeiras. No entanto, agora mostra-se que certamente também não pode acontecer de uma e outra serem falsas, de fato [Aristóteles] diz: *naturalmente não ocorre dizermos que nenhum seja verdadeiro* (IX); isto é, [que] nem a afirmação nem a negação [seja verdadeira]. Ora, aconteceria de ser falsa a afirmação e, naturalmente, também a negação, se nem tivesse ocorrido o que a afirmação

<sup>22</sup> Aristóteles, *Da interpretação*, 18b 18.

<sup>23</sup> Acreditamos que a divisão seja a seguinte: “[1] um ou outro será verdadeiro ou [2] um ou outro será falso, ou [3] um verdadeiro e outro falso definitivamente, ou [4] um verdadeiro e outro falso indefinidamente”. Cf. também XIII subparte.

disse [ser], nem que não tivesse [ocorrido] o que a negação disse não ser. Como se fosse o seguinte, nem fosse feito o que a afirmação atestou ser, nem não fosse [feito] o que a negação atestou não ser. Portanto, se alguém disser isso, antes de qualquer coisa é impossível aquele inconveniente segundo o qual, na proposição contraditória, quando a afirmação for falsa, não seja verdadeira a negação e, inversamente, quando a negação for falsa, igualmente seja falsa a afirmação. Isso ocorria somente nas contrárias, mas certamente não na oposição contraditória. Neste caso é necessário sempre uma ser a verdadeira e sempre a outra a falsa.

*(X) Além disso, se é verdadeiro dizer, porque é branco e grande, que deve ser um ou outro. Se será amanhã, deve ser amanhã; no entanto, se nem será nem não será amanhã, é eventualmente que não será, tal como uma batalha naval. De fato, torna-se necessário que nem se faça a batalha naval, nem não se faça. Portanto, são essas, dentre outras, as inconveniências que ocorrem se para toda afirmação e negação – quer as [que são] ditas universalmente sobre universais, quer as singulares – for necessário que, a partir das oposições, que uma delas de fato seja a verdadeira e a outra de fato a falsa. Contudo, nada, no que diz respeito àquilo que é feito, [poderia] ser de maneira eventual, mas todas as coisas [devem] ser e se fazer por necessidade. Graças ao que não será preciso nem deliberar nem negociar, pois se for isso será isso, e se de fato não for isso, não será isso.*

*De fato, nada impede que dez mil anos [atrás] alguém dissesse isso há de ser e um outro dissesse que não [há de ser]. Graças ao que será por necessidade, porque naquele momento era verdadeiro que fosse dito por ele, não importando quem [falou]. De fato, não faz diferença se alguém disse ou não disse a contradição. Manifesto é, pois, que assim se tomam as coisas, ainda que nem este de fato tenha afirmado, nem aquele de fato tenha negado. Não [é] por negar ou afirmar [que] será ou não será; nem mil anos [atrás], nem seja qual for o tempo. Desse modo, se em todo o tempo se considerava assim, necessário era que isso [que foi feito] se fizesse, quando alguém o dissesse conforme a verdade, e cada uma das coisas que se fazem se considerava assim desde sempre; como se por necessidade se fizesse. De fato, quando alguém diz, conforme a verdade, que será, não pode não ser feito; e porque foi feito desde sempre era verdadeiro dizer que seria.<sup>24</sup>*

[Aristóteles] acrescentou isso a fim de que fosse notado, além daquelas incongruências, também o que é dito [a seguir]. De fato, tudo o que é predito quanto ao

<sup>24</sup> Aristóteles, *Da interpretação*, 18b 20.

futuro, se for predito conforme a verdade, será. De fato, se alguém disser no tempo presente: este animal – seja qual for – é branco, ou [este animal] tem corpo grande; e pronuncie isso conforme a verdade, é necessário ser branco e [ser] grande aquele animal. Da mesma maneira, se [quanto ao] futuro alguém disser conforme a verdade que este animal amanhã se fará branco e de corpo imenso, é necessário que ambos aconteçam amanhã, ou seja, tanto que se faça branco quanto de corpo imenso. Se ao contrário algo for predito conforme o falso, é necessário que não seja o que for dito; se fosse a seguinte afirmação: como se alguém afirmasse por um falso futuro [que haverá de ser] uma batalha naval, é necessário que o que é predito pela falsa afirmação não seja feito. Por outro lado, se for falsa a negação, é necessário que seja feito o que a falsa negação predisse que não [haveria de ser] no futuro. Mas, se ambas são falsas, por necessidade o que é dito não será, porque a afirmação definitivamente é falsa; [e] por necessidade também não será o que é dito, porque é falsa a negação.

Disso se segue que o que é eventual nas coisas é totalmente aniquilado; de fato, ambas são [conforme] o necessário e por necessidade acontecem, e aquela necessidade é impossível. Com efeito, se alguém disser [quanto ao] futuro que amanhã [haverá de ser] a batalha naval e outro negar, pronunciando [quanto ao] futuro que amanhã não [haverá de ser]; então, se ambas forem falsas, certamente será necessário que não seja amanhã a batalha naval, pois a afirmação, que ele disse no futuro é falsa; também é necessário que amanhã ocorra a batalha naval, pois a negação que diz que amanhã não haverá de ser é igualmente falsa. Por isso, será necessário tanto ser a batalha naval quanto não ser, o que é impossível e ultrapassa a natureza comum do pensamento (*communem cogitationis naturam*). Portanto, não é verdadeiro que ambas e simultaneamente, isto é, afirmação e negação, sejam mentira.

Por conseguinte, [Aristóteles] diz quais são as incongruências que acabam surgindo; e também desse modo, se alguém disser – seja quanto às proposições universais predicadas universalmente, seja quanto às proposições nas quais são enunciadas [coisas] singulares – que necessariamente uma é a [proposição] verdadeira definitivamente e a outra a falsa definitivamente, esse será perseguido por *essas, dentre outras, inconveniências*, diz [Aristóteles]. Evidentemente, [Aristóteles] diz isso com respeito aos argumentos acima, segundo os quais ele mostrava que se alguém afirmasse [ser] uma [a proposição] verdadeira definitivamente e a outra a mentira definitivamente, todas as coisas viriam a ser por necessidade.

De fato, [Aristóteles] indicará qual inconveniência e impossibilidade é contrária àqueles que propõem [ser] uma [proposição] verdadeira e outra falsa, isso acaba (como foi dito acima) com aquilo que é eventual nas coisas, estabelecendo que todas as coisas são e se

fazem por necessidade, que nada é por acaso e, além disso, que nada [é feito] por vontade própria (*propria voluntate*).<sup>25</sup>

Daí decorre que não é útil nem negociar, nem empreender uma ação. Todas as coisas examinadas racionalmente nas assembléias, [e] mesmo a própria deliberação, ficam sem utilidade; se quando a todas as coisas futuras – sejam quais forem – for necessário o produzir-se. [Mas, será] que se alguém afirmar que farei isso, isso se produzirá para mim e acontecerá, [ou] se [afirmar que farei] aquilo, aquilo se produzirá?

Com efeito, nada impede qualquer um de afirmar que algo deve se fazer [e] um outro de negar, desde que todas as coisas se produzam pela força da necessidade. Pois, se todas as coisas que se fazem agora, alguém predissesse antes conforme a verdade, quem duvida que aquelas coisas que são feitas, tenham se produzido pela imutável violência da necessidade?

Isto é o que de fato [Aristóteles] afirma: *Graças ao que será por necessidade, porque naquele momento era verdadeiro que fosse dito por ele, não importando quem [falou] (X)*. Entretanto, não é percebida a incongruência segundo a qual a ocorrência das coisas [se dá] não pela própria natureza das coisas (*ipsa rerum natura*), mas julgamos [se dar] pela verdade e falsidade das proposições.<sup>26</sup> [Aristóteles] perde os escrúpulos ao dizer: *De fato, não faz diferença se alguém disse ou não disse a contradição (X)*; pois, para suprimir e para destruir a deliberação – donde absolutamente nada precise ser deliberado pelos homens – vale pouco algo ser predito antes, e se de fato foi dito ou se não [foi dito]. Qualquer coisa pode ser predita conforme a verdade, mesmo sendo necessário vir a ser aquilo que não for predito; por isso é predito conforme a verdade, pois imutavelmente haverá de ser no futuro.

Donde se é predito conforme a verdade haverá de ser; não tanto porque é predito, mas porque pode ser predito conforme a verdade; de fato, se é predita ou se não é predita, qualquer [coisa] que pode ser predita conforme a verdade, haveria de ser por necessidade.

*Manifesto é, pois, diz [Aristóteles] que assim se tomam as coisas, ainda que nem este de fato tenha afirmado, nem aquele de fato tenha negado (X)*, se ela tivesse de ocorrer, [então] a negação em nada a impediria; contudo, se ela não tivesse de ocorrer, a afirmação de nada serviria. *não [é] por negar ou afirmar, diz [Aristóteles], [que] será ou não será (X)*; nem a força da natureza do tempo (*vim naturae tempus*)<sup>27</sup> mudará [isso]. Assim como devem ocorrer as [coisas] que há mil anos se acreditava que se produziriam, assim também [devem

<sup>25</sup> Portanto, contra o que é afirmado por Aristóteles no Livro II da *Física* e no Livro III da *Ética a Nicômaco*.

<sup>26</sup> Portanto, contra o que é afirmado por Aristóteles em *Categorias*, 14b 18.

<sup>27</sup> Como no que se relaciona à eternidade e conhecimento que o deus cristão poderá ter dos eventos futuros contingentes, aqui se evidencia a necessidade da discussão sobre tais eventos demandar uma investigação sobre a natureza do tempo, cf. nosso artigo “Primeira crítica: a teologia desencontrada”. IN: *Ágora filosófica*, ano 9, n. 2, 2009.

ocorrer] aquelas que por necessidade, seja qual for o tempo (*quantumlibet tempus*), deverão ser [produzidas].

Donde se segue que da mesma maneira que em todo tempo (*omni tempore*) se consideram todas as coisas como se alguém pudesse dizer definidamente o verdadeiro e outro definidamente o falso, também tudo, seja o que for, que foi feito ou será feito acontece pela razão imutável das coisas (*immutabile rerum ratione*).

De fato, é isso o que afirma [Aristóteles]: *necessário era que isso [que foi feito] se fizesse; e cada uma das coisas que se fazem*; ou seja, como se considerasse que todas as coisas se fazem por necessidade. Também isso ele confirma com a argumentação acima dizendo: *quando alguém diz, conforme a verdade, que será, não pode não ser feito* – do evento [segue] a necessidade e da necessidade segue a verdade; *e porque foi feito desde sempre era verdadeiro dizer que seria* e, de fato, a verdade da proposição chega às coisas a partir dos eventos necessários.

(XI) *Com relação a elas não serem possíveis. De fato, vemos que somos o princípio do [que há de ser no] futuro, seja quando deliberamos seja quando agimos [a fim de] algo; e também porque em tudo aquilo que nem sempre é é possível o não ser; como naquelas em que um [caso] e o outro ocorrem, isto é, tanto o ser quanto o não ser; mais propriamente o tornar-se ou o não tornar-se. E, o que é mais, para nós muitas são as coisas que assim se dão, tal como é possível ser rasgada essa vestimenta e [é possível] não ser rasgada, sendo que primeiramente ela [pode] ser gasta. De forma similar, contudo, também é possível que não seja rasgada a vestimenta. De fato, ela não teria sido gasta antes, a não ser que não fosse rasgada. E assim também para outras [coisas], qualquer uma que, segundo a potência, [possa] ser considerada do mesmo modo. Manifesto é, portanto, que nem todas as coisas ou são ou se fazem por necessidade, mas [é] certo que algumas [são] de forma eventual; e também não é mais verdadeira a afirmação do que a negação. De fato, alguns [eventos são] mais (magis) certos que muitos outros, mas também acontece de se fazerem outros e ainda outros que quase nunca (minime) [se fazem].*<sup>28</sup>

Trataremos primeiro do longo hipérbato e depois continuaremos. De fato, é claro que somos o princípio de algumas coisas, como dos nossos atos. Se alguém fizer algo por meio da

<sup>28</sup> Aristóteles, *Da interpretação*, 19a 5.

deliberação, dessa coisa ele é propriamente o princípio<sup>29</sup>. Seja qual for a coisa que é estabelecida pela habilidade do conselho, ela é, de fato, posta em movimento por quem delibera. Algumas coisas que não são em ato, mas em potência, coisas cuja potência não se faz por necessidade; ou seja, que pode[m] certamente se fazer de tal maneira, mas que não são necessárias; assim como é possível ser cortada pela tesoura esta ou qualquer outra túnica, embora não seja necessário. De fato, [a túnica] provavelmente envelhecerá, será gasta pelo próprio uso diário. Portanto, certamente pode ser gasta, mas casualmente (*forte*) não é rasgada, mas antes de ser rasgada pode ser gasta; de fato, não seria possível ser cortada, a não ser que primeiramente fosse possível não ser cortada; por isso algumas podem se fazer, assim como acontece de possivelmente não serem feitas. Algumas [coisas], portanto, são possíveis mas não necessárias. E quanto às outras [coisas] que se fazem do mesmo modo, o raciocínio é o mesmo.

Tudo que é feito de acordo com alguma deliberação, aquele que deliberou, e não a necessidade, é o princípio da coisa; e sejam quais forem [as coisas] que são possíveis, elas se produzirão [podendo] ser mudadas. De fato, as [coisas] que são ditas segundo alguma possibilidade<sup>30</sup> não vêm a ser segundo a necessidade; donde se segue que é manifesto que nem todas as coisas ou são ou se fazem por necessidade, mas, para algumas [coisas], é de igual modo ou se fazem ou não se fazem; e isso é se fazerem de maneira eventual (*utrumlibet*). De fato, algumas [coisas] em muitos (*in pluribus*) [casos] se fazem, [sendo] poucos (*in paucioribus*) [os casos em que] não se fazem. Mas [algumas coisas] se fazem de modo intermediário (*aequaliter*); como [no caso de alguém] que vai a uma casa para ver o amigo; de fato, isto se faz e se faz de maneira igual. De fato, outras se fazem mais frequentemente (*frequentius*)<sup>31</sup> do que não se fazem, como [no caso das pessoas] de sessenta anos o embranquecer [os cabelos] se faz mais frequentemente do que não se faz. E, todavia, isso tanto pode se fazer, como não é impossível não se fazer.

É isto o que [Aristóteles] afirma: *alguns [eventos são] mais (magis) certos que muitos outros (XI)*, assim como a muitas [pessoas] de sessenta anos é mais certo o embranquecer [os cabelos]. Mas acontece [também] de se fazerem outros, como o não embranquecer [dos cabelos], [evento que quase] nunca (*minime*) [acontece]; é claro, [em relação] ao

<sup>29</sup> Aqui se evidencia a necessidade da discussão sobre do que propriamente somos princípio e do que não, sobre o que podemos deliberar e sobre o que não podemos.

<sup>30</sup> Cf. *Comentário Maior*, p. 491.

<sup>31</sup> Cf. Aristóteles, *Física*, Livro II, 196b 10. Já aqui se evidencia a necessidade da discussão sobre os tipos de eventos, com relação à frequência de ocorrerem e não ocorrerem, foi em parte do que tratamos no artigo “Aristóteles e Boécio: natureza das coisas e eternidade de Deus”. IN: *Ágora filosófica*, ano 7, n. 2, 2007.

embranquecer. Ora, é deste modo [que se dá] o hipérbato.<sup>32</sup> Por esse motivo, consideramos impossíveis aqueles [eventos], alguns dos quais de fato somos o princípio; e quaisquer [eventos] que são possíveis, podem se fazer e não se fazer. Se, portanto, é possível tanto que seja quanto que não seja, é manifesto que nem todas as coisas acontecem por necessidade, mas igualmente [podem ocorrer] de outra [maneira]. E [alguns vêm a ser] de modo intermediário (*aequaliter*), e são poucos, de fato, [os casos] em que não vêm a ser, porém não é necessário que não venham a ser.

(XII) *Portanto é necessário ser o que é, quando é, e não ser o que não é [quando não é]. mas nem tudo o que é, é necessário ser; e nem tudo o que não é, é necessário não ser. De fato, que tudo o que é, quando é, tenha o ser necessário, não é o mesmo [que] ser por necessidade simplesmente (simpliciter). E de maneira similar para aquilo que não é. Também quanto à contradição o raciocínio é o mesmo, pois é necessário tudo ser ou não ser e também que vai ser ou não [vai ser]; entretanto, não acontece que ao dizer de maneira dividida (dividentem) um [dos casos] seja necessário. Ora, digo que de fato é necessário vir a ser ou não vir a ser uma batalha naval amanhã; mas não é necessário vir a ser uma batalha naval amanhã, ou [necessário] não vir ser. Pois o futuro é necessário ou ser ou não ser.*<sup>33</sup>

[Aristóteles] descreve agora o que é o necessário temporal. Ele afirma que toda coisa *quando é*, sem dúvida *é necessário ser* (XII); de fato, não pode acontecer, de modo que quando [a coisa] é, que ela não seja; e inversamente também é necessário que quando a coisa não é, que ela não seja; de fato, não pode acontecer de modo que, quando não é, seja; mas, quando é, a essa [coisa] é necessário ser, quer dizer, como no caso do Sol, não é simplesmente (*simpliciter*) necessário o nascer, mas temporalmente necessário, como quando estou sentado; por isso, é não simplesmente (*simpliciter*) por necessidade e sem a descrição por meio do tempo presente. De fato, quando estou sentado, não pode acontecer que eu não esteja sentado, e o sentar quando eu sento é então necessário para mim; contudo, a própria ação de sentar encontra-se em mim não por necessidade, já que eu posso levantar. Inversamente, quando não estou sentado, o não estar sentado é então necessário para mim; contudo, a própria ação de não sentar, não encontra-se em mim por necessidade, já que eu posso sentar. Portanto, o que

<sup>32</sup> A inversão (hipérbato) parece dizer respeito à mudança dos casos mais frequentes para os menos frequentes, dos *frequentius* ou *magis* para os *minime*.

<sup>33</sup> Cf. também a II subparte do **Comentário Maior**, p. 514 e principalmente a **Consolação da Filosofia**, Livro V, p. 288 – no qual é utilizado o mesmo exemplo – e p. 322 – no qual Boécio trata da necessidade *simplex*, isto é, do que é simplesmente necessário.

é, quando é, é por necessidade; e o que não é, quando não é, não pode acontecer que não seja. Contudo, nem todas as coisas (seja quais forem) são ou não são, ou por necessidade são (exceção [seja feita] à pronúncia do tempo presente) ou por necessidade não são ([caso] não seja feita nenhuma menção do tempo presente).

Por isso, [Aristóteles] afirma que *não é o mesmo* ser necessário temporalmente (*temporaliter*), como é para mim quando estou sentado, e *por necessidade ser simplesmente* (*simpliciter*) (XII), como no caso da mortalidade para o homem; e quando não é necessário não ser como é para mim quando não sento o não estar sentado – o que também não tomo por necessidade simplesmente (*simpliciter*), como [no caso do homem possuir] três olhos ou a imortalidade, e é por isso que [Aristóteles] afirma *E de maneira similar para aquilo que não é* (XII). Ora, segue-se isso porque [Aristóteles] tinha dito que *quanto à contradição o raciocínio é o mesmo, pois é necessário tudo ser ou não ser e também que vai ser ou não [vai ser]* (XII).

Semelhante, diz [Aristóteles], é o raciocínio nas contradições contingentes, ou seja, naquelas que, quando são, são necessárias de acordo com o tempo, mas que não são necessárias simplesmente (*simpliciter*). Com efeito, quanto às contradições futuras e às contingentes, é claro que para toda contradição é necessário assumir uma parte a verdade e a outra a falsidade; como [no caso] de alguém afirmar “amanhã haverá uma batalha naval”, isso não será necessário; e se ao contrário alguém negar [dizendo] “não haverá [uma batalha naval amanhã]”, é claro que é necessário ou ser ou não ser, porém não é necessário ser, nem inversamente [necessário] não ser; mas tanto ou ser ou não ser. Por isso, é claro que para toda contradição uma parte assumirá a verdade e a outra a falsidade, mas não será uma definitivamente a verdadeira e a outra a falsa.

De fato no passado dizemos assim: “Rômulo fundou Roma” e “Rômulo não fundou Roma”. Certamente uma é verdadeira e a outra falsa, mas a afirmação é definitivamente verdadeira e a negação definitivamente falsa. Porque, com efeito, o que foi feito não pode acontecer como se não tivesse sido; por esse motivo, a contradição no passado é verdadeira ou falsa definitivamente. Já com as proposições futuras não se dá o mesmo; nas que significam coisas contingentes, é claro; como no caso de eu dizer que: “Filoxeno foi almoçar” e “Filoxeno não foi almoçar”.

Em toda contradição certamente uma é a verdadeira e falsa a outra; mas não se pode dividir, como se fosse dito ser ou a afirmação ou a negação constituidamente e definitivamente

verdadeira.<sup>34</sup> Antes que almoce, de fato, é indefinido e variável que eu almoce. Depois que almocei o passado está definido. Portanto, das contradições no futuro é necessário algo ou ser ou não ser; no entanto, que um se faça e um não se faça não é [necessário]. Qual é, portanto, a semelhança entre a contradição contingente e a temporal; não seria a da simples necessidade?

No seguinte, evidentemente, porque assim como é necessário ser o que é quando é – mas é necessário ser não simplesmente –, assim também porque está anexado o tempo. Desse modo, na contradição contingente é necessário a afirmação ou a negação ser verdadeira, mas não é ou a afirmação ou a negação simplesmente e definitivamente a verdade, porém qualquer uma que tiver constituído o evento a partir da verdade certa (*certae veritatis*).<sup>35</sup>

(XIII) *Por isso, as orações são verdadeiras de maneira similar (similiter) ao modo como as coisas [são]; manifesto é, pois, que sejam quais forem as coisas que se tomem como sendo de maneira eventual, isto é, coisas cujo contrário também acontece, é necessário que se tome de maneira similar também a contradição; o que acontece naquelas [coisas] que nem sempre são ou nem sempre não são. De fato, para elas é necessário uma parte da contradição ser verdadeira ou falsa; entretanto, não essa ou aquela, mas eventualmente; e por mais que uma [seja] a verdadeira, todavia não já a verdadeira ou falsa. Por isso, é manifesto que não é necessário para todas as afirmações e negações opostas que uma seja a verdadeira e a outra a falsa. Não é do modo como as coisas que são que se deve tomar as que não são, para as quais é possível ser ou não ser, mas sim do modo como foi dito.*<sup>36</sup>

[Aristóteles] diz que as coisas assumem uma certa semelhança (*cognationem*),<sup>37</sup> e é ela que, pela significação (*significatione*), designa as próprias coisas. E por isso a oração que designa e que também significa a coisa será tomada do mesmo modo como é tomada a própria coisa. Portanto, se a coisa não tiver sido, a oração é falsa, e se a coisa tiver sido, a oração é verdadeira; e se é verdadeira ou falsa a oração, será ou não será o que é dito, de modo que a coisa e a oração se convertem (*convertantur*).<sup>38</sup> Então, se a coisa não está constituída ou não surge por necessidade definida, também aquela oração que designa aquela coisa não é de verdade definida. Portanto, com respeito às coisas para as quais não somente é possível ser, mas também [pode] acontecer de não ser, a afirmação e a negação são tomadas de maneira

<sup>34</sup> Cf. *Consolação da Filosofia*, Livro V, p. 300.

<sup>35</sup> Cf. *Consolação da Filosofia*, Livro V, p. 300.

<sup>36</sup> Aristóteles, *Da interpretação*, 19b 34.

<sup>37</sup> Boécio se refere ao termo grego *omóios*, traduzido antes por *quemadmodum* e que agora recebe uma explicação mais detalhada.

<sup>38</sup> Cf. Aristóteles, *Categorias*, 14b 10.

eventual; e como para a própria coisa ocorre tanto ser quanto não ser, da mesma forma a contradição indefinidamente virá a ser ou verdadeira ou falsa.

Mas, em quais [casos] isso ocorre, o próprio [Aristóteles] declara; ele diz: *naquelas [coisas] que nem sempre são e nem sempre não são*; de fato são somente as que acontecem tanto de ser quanto de não ser, [isto é,] *as que nem sempre são e nem sempre não são* (XIII). Com efeito, assim como a própria natureza das coisas (*ipsa natura rerum*)<sup>39</sup> que vêm a ser é variada (*varia*), assim também a outra parte da contradição assume a verdade de forma variável (*variabilem veritatem*). É claro que é verdadeira ou falsa, entretanto, não uma [delas] definidamente, como se fosse isso determinadamente verdadeiro ou aquilo, mas de maneira eventual. E como o próprio estado das coisas é mutável (*status ipse rerum mutabilis est*), assim também a verdade ou falsidade das proposições é duvidosa. E certamente ocorrerá que assim como em alguns [casos] uma [proposição] é com maior frequência (*frequentius*) verdadeira, mas nem sempre [é a verdadeira], assim também nas mais raramente (*rarius*) verdadeiras, também não é sempre necessário que ela seja falsa. O que demonstra o que [Aristóteles] disse, [ou seja,] *e por mais que uma seja verdadeira, todavia não a ponto de já [ser] sempre a verdadeira ou falsa* (XIII).

[Aristóteles] conclui toda a questão sobre as proposições futuras e contingentes, e afirma: *é manifesto que não é necessário a todas as afirmações e negações* (XIII) que sejam definidamente verdadeiras, e por esse motivo está subentendido [o definidamente].<sup>40</sup> De fato, quanto às que são contingentes e futuras, nunca uma é definidamente a verdadeira e falsa a outra. [Aristóteles] diz que *não é do modo como as coisas que são que se deve tomar as que não são, para as quais é possível ser ou não ser, mas sim do modo como foi dito* (XIII). E, de fato, como o ser daquelas [coisas] que são do tempo presente está definido, está definida a verdade e também a falsidade das proposições a respeito delas.

De fato, aquelas [coisas] que não são seguramente podem ser e não ser: e assim são as coisas futuras, elas não vêm a ser por necessidade, mas tanto podem ser como também podem não ser; quanto a elas esse é o modo como se toma a contradição, [ou seja,] do mesmo modo como foi dito. Mas também foi dito que para tudo é necessário ser ou não ser, e também é necessário o futuro ser ou não ser. Mas não que é necessário ser já divididamente (*divire*) e definidamente (*definite*) um deles. Contudo, a diversidade [dos futuros contingentes] era de quatro.<sup>41</sup> Como se uma e outra [proposições] fossem verdadeiras, o que [Aristóteles] suprimiu

<sup>39</sup> Cf. *Consolação da Filosofia*, p. 290.

<sup>40</sup> Cf. também a II subparte.

<sup>41</sup> Cf. também a IX subparte.

quando afirmou: *Pois, de fato, em tais casos [elas] não serão simultaneamente* [verdadeiras] (III). Ou também como se uma e outra fossem falsas, o que refutou quando afirmou: *naturalmente também não se diz que nenhum seja verdadeiro* (IX). Ou como se uma fosse definitivamente a verdadeira e a outra fosse definitivamente a falsa; o que aquela argumentação destruiu, segundo a qual – se fosse admitido isso – *todas as coisas vêm a ser por necessidade* (X).

E quanto àquelas coisas que com pouca frequência (*minime*) são, naturalmente é certo uma ser a verdade e a outra, a contraditória dela, a mentira; entretanto, assim como as próprias coisas virão a ser de maneira mutável e indefinida, assim também as enunciações são proferidas de acordo com o variável e não com a verdade e falsidade definida<sup>42</sup>.

---

<sup>42</sup> *Comentário Menor*, p. 342A.